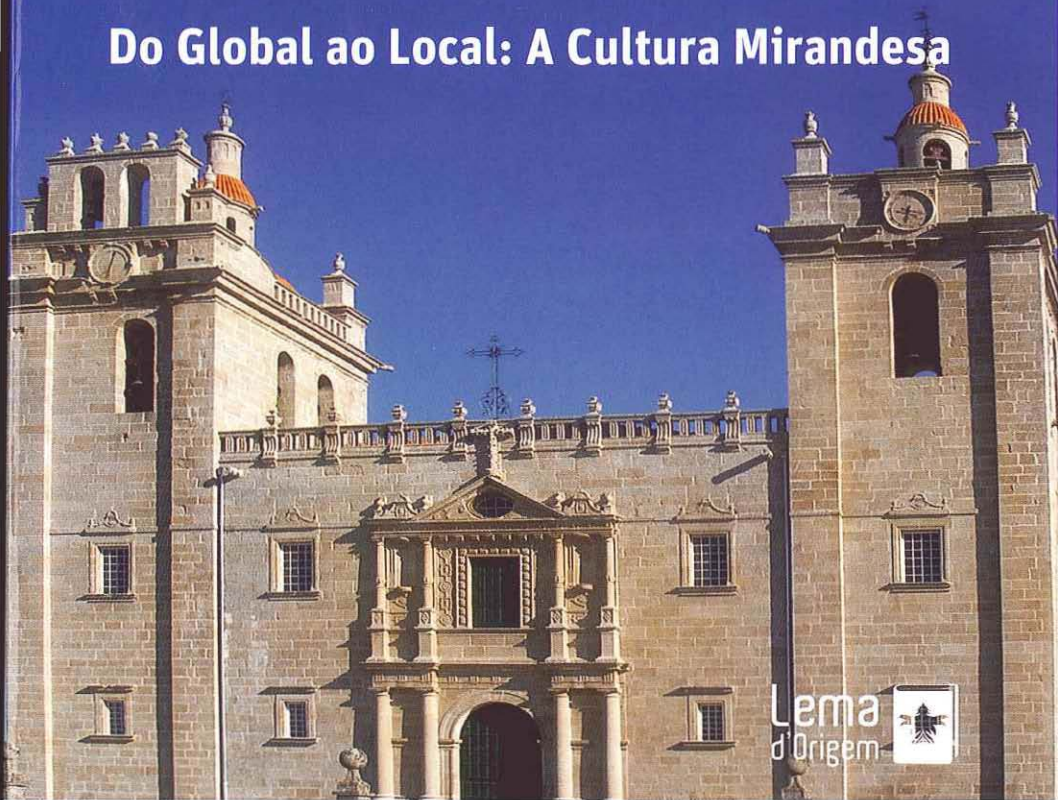


Actas das XVIII
Jornadas Culturais de Balsamão

2015

Do Global ao Local: A Cultura Mirandesa



**Actas das XVIII
Jornadas Culturais de Balsamão**

2015

Do Global ao Local: a Cultura Mirandesa

Centro Cultural de Balsamão



**Lema
d'Origem**

© Lema d'Origem – Editora, Ld.^a, 2016.

Título: *Jornadas Culturais de Balsamão - A Cultura Mirandesa*
Coordenadores: Basileu Pires e Carlos d'Abreu
Revisão: Carlos d'Abreu
Editor: Lema d'Origem – Editora, Ld.^a | editora@lemadorigem.pt
Rua Cimo do Povo, 23
5160-069 CARVIÇAIS

Design Editorial: Lema d'Origem – Editora, L.^{da}

Data de Edição: Outubro 2016
Impressão: www.artipol.net
ISSN: 972-96862-3-8
Depósito Legal: 264935/07

Moderador: Carlos d'Abreu (Técnico Superior do ME e investigador do CLP – UC)

9: 15h – Teatro popular mirandês – Valdemar Gonçalves

9: 45h – A origem da Língua Mirandesa – António Bárbolo Alves (Professor e investigador do CEL – Centro de Estudos em Letras – UTAD)

10: 30h – Debate

11: 00h – Intervalo

11: 30h – Escolha do tema das próximas Jornadas

11: 15h – Encerramento pelo Presidente da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros

12: 00h – Eucaristia

13: 00h – Almoço e despedida

ORGANIZAÇÃO

Centro Cultural de Balsamão

Convento de Balsamão

Câmara Municipal de Miranda do Douro

APOIOS

Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros

Restaurante Saldanha (Peredo de Chacim)

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Chacim

Associação Sol Nascente (Genísio)

DO GLOBAL AO LOCAL

(no âmbito de um colóquio sobre Cultura Mirandesa)

José Maria Silva Rosa¹

Estando nós num Colóquio sobre Cultura Mirandesa, devo dizer que o meu olhar sobre Miranda é um olhar bastante exterior, porquanto não sou mirandês, não falo mirandês, nunca vivi no território de Miranda – embora tenha vivido muito perto e tenha visitado muitas vezes a cidade e a região. Assim, o que conheço melhor, além da geografia do planalto e do Menino Jesus da Cartolinha, são as pessoas e a gastronomia: a 'Posta', evidentemente, o presunto, o queijo, o vinho, os frutos secos, e a garra e a determinação das suas gentes (alguns chamam-lhe *teimosia*), pois também vivi com alguns mirandeses durante algum tempo, aqui, em Balsamão: o P.^e Basileu Pires, nado e criado em Genísio, o Ir. António Fernandes, o P.^e Domingos Jorge, entre outros bons amigos.

Mas não vejo desvantagem por este ser um olhar exterior. É que, também por isso mesmo, é igualmente um olhar de respeito, de admiração, apreço..., e sobretudo um olhar interrogativo. Amiúde só nos conhecemos bem pelos olhos do outro, particularmente daqueles que não são da nossa tribo, os que vêm de outra paragens e de outras culturas. Ou seja, o estranho, o estrangeiro, o peregrino que, por ter visitado paragens outras, visto outros costumes, falado outras línguas, pode precisamente também por isso alargar o nosso

¹ Universidade da Beira Interior

olhar e o horizonte do nosso quintal. É como se o modo como um outro nos olha fosse também uma espécie de «câmara escura» que nos inverte com maior objetividade, e dessa inversão em negativo resultasse mais claro e revelado o nosso perfil. Há, de facto, uma espécie de lei da consciência que vem das profundezas do tempo (ou mesmo da eternidade, a crer na Trindade...) que diz que só nos conhecemos através do outro, que a alteridade é essencial à construção da nossa própria identidade e à tomada de consciência daquilo que somos. Isto é válido em várias escalas, a começar pelo pequeno círculo familiar, alargando-se depois às esferas mais amplas da nossa existência coletiva. É verdade que o olhar de certos 'outros' também pode ser o olhar dos preconceitos, o mirar presunçoso e malevolente da pretensa superioridade que nos quer humilhar, menosprezar, apoucar, etc.. Algumas vezes, em situações extremas, pode levar-nos até à vergonha de sermos quem somos, de onde nascemos, de falarmos como falamos, e assim por diante. Tal olhar de Medusa que tenta 'transformar-nos em pedra' e 'matar-nos', sei bem que os mirandeses também o conhecem e sentiram na pele, mormente na demanda pelo reconhecimento do seu falar.

Para mim – avanço-o desde já – o aspeto mais sugestivo e mais rico do modo de ser mirandês prende-se precisamente com o seu traço raiano e transfronteiriço. As culturas raianas celebram existencialmente a partilha, transgredindo essas linhas imaginárias e inexistentes, que são as fronteiras. Assim, o 'ser mirandês' será menos uma identidade fixa que uma relação sempre a refazer-se, uma negociação permanentemente a recriar-se; são gentes das encruzilhadas de culturas, de línguas, de rotas calcorreadas a pé, durante séculos. Deles pode dizer-se, de modo tanto simbólico quanto literal, que onde não havia caminho os seus passos faziam *camino al andar*, e os seus pés, umas vezes calçados e muitas outras descalços, inventavam a cada noite os trilhos e as rotas de novos contrabandos.

Esta dilatação do olhar, para alguém como eu, que nasci num torrão beirão e cujas matrizes se encontram algures entre a diáspora judaica perdida nas brumas da memória e a Filosofia por opção, quer dizer precisamente uma tradição de questionamento. Por isso,

e advirto já, o que vou dizer a seguir é mais um conjunto de interrogações que outra coisa. E muito gostaria que esta nossa conversa se pudesse alargar a ainda mais perguntas. Porque para que as perguntas sejam pertinentes e com sentido, elas têm de revelar simultaneamente o mundo de quem interroga e o mundo de quem é interrogado. E se formos intelectualmente sérios ao perguntar, nunca saímos iguais depois de uma interrogação bem formulada. E por isso eu tenho de vos confessar o que sinto: que deveria conhecer bem melhor o modo como a Cultura se declina localmente em mirandês, para assim vos poder fazer mais e melhores perguntas.

1. A GLOCALIZAÇÃO

Começo com uma citação de um grande estudioso das culturas e das línguas, um homem genial, um sénior felizmente ainda vivo, Georges Steiner, que, numa Conferência proferida em 2004, em Amsterdão, no Instituto *Nexus*, sobre *A Ideia de Europa*, afirmava isto (nas pp. 49-50 da edição portuguesa):

«O génio da Europa é aquilo que William Blake teria chamado "a santidade do pormenor diminuto." É o génio da diversidade linguística, cultural e social, de um mosaico pródigo que muitas vezes percorre uma distância trivial, separado [apenas] por vinte quilómetros, uma divisão entre mundos. Em contraste com a terrível monotonia que se estende do ocidente de Nova Jérсия às montanhas da Califórnia, em contraste com aquela avidez de uniformidade que é simultaneamente a força e o vácuo de grande parte da existência americana, o mapa estilhaçado, por vezes absurdamente divisor, do espírito europeu e sua herança tem sido incansavelmente fértil. A expressão ressonante de Shakespeare «um local e um nome» identifica um carácter definidor. Não há «línguas pequenas». Toda a língua contém, articula e transmite não só uma carga única de recordação vivida, mas também uma energia em evolução dos seus tempos futuros, uma potencialidade para amanhã. A morte de uma língua é irreparável, reduz as possibilidades do homem. Nada

ameaça a Europa mais radicalmente – «as suas raízes» – do que a onda detersiva e exponencial do anglo-americano, e dos valores e imagem mundial uniformes que [este] Esperanto devorador traz consigo. O computador, a cultura do populismo e o mercado das massas fala anglo-americano desde as discotecas de Portugal [as de Miranda ou Vimioso, digo eu] ao império de comida rápida de Vladivostok. A Europa morrerá efetivamente, se não lutar pelas suas línguas, tradições locais e autonomias sociais. Se esquecer que “Deus reside no pormenor.”»

Este excerto, no realismo do que descreve e no cenário que antecipa deve ser como um programa de ação frente ao processo de globalização homogeneizante – tipo rasoira –, a que inelutavelmente se associa hoje uma língua neo-imperialista, o inglês. Notem que Georges Steiner nada tem contra o inglês, que é, aliás, uma das suas quatro línguas maternas (o iídiche, o alemão, o francês e o inglês). Mas como estudioso das línguas, do fenómeno da tradução e das Culturas, reconhece que este paradoxal Esperanto (o inglês) traz algo mortífero para as singularidades, para as línguas tradicionais da Europa (e não só). Daí que insista nessa «mono-tonia» anglo-saxónica, recorrendo sobretudo aos grandes espaços abertos norte-americanos que, progressivamente, por via tecnológica, comercial e financeira se globalizam e tomam conta do mundo.

É claro que o português também foi uma língua imperial, do Minho a Timor. Basta recordar as *Constituições Episcopais*, nos sécs. XV e XVI, que mandavam «rezar em lingoagem» impondo o português como a única língua digna de falar com Deus. Ou mais tarde (em 1757), com o Marquês de Pombal, no Brasil, proibindo ensinar e falar oficialmente a «língua geral» (uma evolução a partir do tupi-guarani) e a imposição do português como língua oficial em todo o território brasileiro. E de certo modo ainda hoje se acalenta, reactivamente, o sonho da chamada Lusofonia, repetindo à sua escala (face ao mirandês, por exemplo) aquilo de que se sente vítima, numa escala maior, face à língua inglesa. E esse sonho, como muitas vezes refere Mía Couto — «a minha pátria é a *minha* língua portuguesa» — tem de ser o do respeito pelas gramáticas e sonoridades locais, do

Brasil, de África, do Oriente. Para lá do ingente esforço de muitos, alguns aqui presentes, talvez também tenha sido essa consciência, mesmo incôscia, que levou os legisladores a reconhecer, finalmente, o mirandês como língua oficial, em 1999.

Com efeito, um dialeto, uma língua com menos falantes, ou mesmo um regionalismo (inclusive um socioleto como o minderico), nunca é, nunca pode ser, para os seus falantes, um pormenor descartável. Já num outro livro muito famoso, *After Babel* (1975), o mesmo Georges Steiner refletia sobre a perda irreparável, irreversível, a cada ano que passa, de dezenas e dezenas de línguas. Por volta de 10.000 a.C. haveria cerca de vinte mil idiomas, número que hoje não ultrapassa os seis mil; e todos os anos morrem muitas delas. Não sei se algum de nós já se colocou nessa horrível situação de poder vir a ser o último falante da sua língua; de ser alguém que, pela última vez, leva a enterrar uma comunidade de sentido definitivamente silenciada.

Embora G. Steiner não siga essa via, a importância da diversidade linguística encontra apoio no mundo da vida. Com efeito, no âmbito da Biologia, a diversidade foi a condição necessária à sobrevivência e à adaptação das espécies às diferentes regiões e climas do planeta. O operador básico da evolução biológica tem sido a diversidade das espécies. Sem novo material genético, estas vão estiolando e morrem. Daí o tabu ou primeira «lei» das culturas: a proibição do incesto e obrigação da exogamia, i.e., misturar sangues e trazer a novidade de outros códigos genéticos. *Mutatis mutandis*, um processo de globalização que não respeite e valorize as idiosincrasias e os «contributos» singulares, só pode deixar atrás de si um rasto de morte. As identidades locais, se forem colocadas nesta encruzilhada, neste dilema, ou desaparecem diluindo-se na voragem do *mainstream* da cultura alógena dominante (e por aí costumam enveredar as camadas mais jovens, que procuram fora da sua cultura tradicional novos modelos de identificação, novos símbolos, etc.), ou refluem e se fecham sobre si próprias, na sua tradição, viradas para o passado, desconfiadas e rejeitando tudo o que é novo, posição normalmente assumida pelas gerações mais velhas. Ou seja, localmente

o conflito identitário tende a tornar-se também intrageracional, entre inovação e tradição.

Enfim, não pretendo aprofundar muito mais esta questão, central nas atuais Teorias da Cultura, mas notem que assistimos hoje, no momento presente, em muitas latitudes e contextos, a este conflito entre dimensões regionais e locais das culturais, que resistem a ser devoradas e deglutidas em processos de homogeneização e de padronização a escalas globais. A Europa, aliás, com as suas Diretivas comunitárias (na saúde, na alimentação, etc.) e o seu ordenamento jurídico é um exemplo disso. E assistimos, por exemplo, ao caso da atual Catalunha que afirma a sua identidade regional contra Castilla – Léon, embora não queira sair de um espaço partilhado mais amplo como a União Europeia. Ou seja, procura escapar, mediante um vínculo mais alargado, a Europa, ao que sente ser um espartilho local, numa escala inferior.

Mas talvez o exemplo mais tremendo deste confronto entre passado e futuro, entre tradição e inovação, local e global, nos chegue precisamente hoje, e da forma mais brutal, do mundo islâmico, que durante séculos foi iludindo e gerindo a tensão, mas que hoje explode brutalmente diante dos nossos olhos e se mostra, por detrás dos monstruosos capuzes do pretense Estado Islâmico, nas degolações de ocidentais e locais, e na destruição dos templos e museus de Nimrud, de Palmira, etc.. Para os jihadistas do Daesh não há nem pode haver passado pré-islâmico, nem há nem poder haver futuro fora do Islão, fixos que estão numa espécie de eterno presente, o do tempo da revelação a Maomé, entre 610 e 632, e das guerras de conquista que o Profeta levou a cabo.

Face a estes e outros exemplos semelhantes, os homens e as mulheres que devotaram as suas vidas às relações e ao diálogo entre as culturas, as religiões, as pessoas, enfim, à «santidade do porme-nor» (como é o caso do poeta e pintor palestiano, recentemente falecido Mahmoud Darwish) ficam como que perplexos e humilhados. É que a violência consegue reduzir a sabedoria ao silêncio. Outros como S. Huntington falaram, embora apressadamente, de choque de civilizações sem ter em conta que o 'Outro' islâmico tem

inúmeras expressões (não sendo a jihadista a mais fiel nem a mais importante, embora a mais violenta e mediática). Tais homens e mulheres, apanhados nas armadilhas da raia e das fronteiras do *mesmo* e do *outro*, a certa altura são abandonados por todos numa *terra de ninguém*. Creio que à sua escala, os que têm lutado pelo reconhecimento da língua e da cultura mirandesa, no quadro peninsular (uma vez que o mirandês é um ramo do antigo asturo-leonês) compreendem muito bem o que estou a dizer.

A este propósito, cito um texto magnífico de um autor francês, Michel Serres, que sempre me dá muito que pensar, intitulado *Para Celebrar a Partilha*, onde reflete sobre a relação entre a cultura francesa e a japonesa. Diz ele: «(...) a partilha esconde uma subtilidade. Ei-la: quando um navegador corajoso atravessa um rio largo ou um estreito ventoso, o itinerário da sua viagem divide-se em três partes. Enquanto tem à vista a margem da partida ou descortina a da chegada, habita ele ainda o ancoradouro de origem ou já a finalidade do seu desejo; por outras palavras, francês aqui ou japonês em França. Ora, lá bem no meio do percurso, chega um momento decisivo e patético, onde, a igual distância das duas margens, durante a passagem mais ou menos demorada, numa grande faixa neutra ou branca, não está nem numa nem noutra e torna-se, talvez, ainda e já uma e outra ao mesmo tempo. Inquieto, suspenso, como que em equilíbrio no seu movimento, reconhece um espaço inexplorado, ausente em todos os mapas e que nunca jamais navegador algum descreveu. A sua boa vontade de traduzir passa pela sobreposição das imagens de transição que se designa na língua francesa pela preposição «entre»; avança assim em linha reta ou mergulha num estranho redemoinho nas voltas do qual devem rodar as diferenças do mundo.»

E para terminar este ramalhete de referências que apenas pretenderam acenar para alguns dos problemas que emergem ou se escondem no processo de globalização, uma nota para assinalar que a linguagem do comércio (onde a cultura árabo-muçulmana, do *soukh* e do bazar, teve afinal inigualável mestria) e das vendas *on-line* já começou a encontrar saídas interessante para uma das aporias da

globalização, ou seja como articular o global e o local. Os japoneses forjaram há algum tempo um neologismo, que, também ele, rapidamente se globalizou: *dochakuka*, *glocalização*. Esta é hoje a estratégia de *marketing* e o modelo de negócio de muitas empresas, como a McDonalds. Por exemplo, servir sopa em Portugal, onde este prato é tradicional; fazer hamburgers vegetarianos na Índia e no Japão; na China, usar tostas de arroz em vez de pão, etc.. No fundo é aproveitar e adaptar conteúdos locais (seja produtos, sejam linguagens, símbolos, etc.) a uma cultura global que tal marca representa. A *glocalização* consiste assim num processo de troca em rede onde cada um dos nós dessa rede exprime e integra simultaneamente as 'resistências' e especificidades locais, as identidades concretas e singulares, face ao todo homogeneizado, e no mesmo movimento, contribui dessa forma para a construção da rede global de significados, evidenciando a sua multidimensionalidade. O que falta é transferir esta estratégia de um plano meramente mercantil e comercial (tipo 'macdonaldização' ou 'disneylandização' do mundo), para trocas simbólicas e culturais mais ricas e fecundas.

2. A "SANTIDADE DO MIRANDÊS"

Apesar de me ter situado, no ponto anterior, num plano necessariamente geral, acho que alguns dos que lutaram pelo reconhecimento do Mirandês como língua oficial no nosso país e aqueles que, a par disso, demandam um maior estudo e conhecimento da 'cultura mirandesa', não deixarão de se reconhecer, localmente, em algumas das coisas que fui apontado. Alguns deles trabalham com a esperança de Moisés, olhando de longe, do monte Nebo, a Terra da Promessa (Dt. 34. 1). Por isso, o meu apreço e o meu maior respeito.

Mas agora é precisamente para o local que me volto, de modo a formular algumas questões e interrogações. É uma evidência que, independentemente do valor literário de uma determinada língua e da mundividência existencial que ela cria (valores, crenças, normas, mitos, narrativas, práticas de vida, etc.), quer queiramos ou não,

a sua importância e o seu alcance político são proporcionalmente medidos pelo número dos seus falantes. Ou seja, de um ponto de vista intrínseco, cada língua vale absolutamente, é um mundo de sentido próprio, incomparável ou incomensurável com outro. Mas de outro ponto de vista, e se nos socorrermos de novo da analogia biológica, uma língua é como um órgão corpóreo: se não for usado, estiola, definha e pode morrer. Não existem apenas línguas desaparecidas, das quais nada sabemos porque se mantiveram na oralidade e nada deixaram escrito; existem também línguas mortas. Algumas das mais línguas de dita Alta Cultura que conhecemos, e que tiveram milhões e milhões de falantes, estão hoje praticamente mortas ou em vias disso. E inversamente, o mandarim tem hoje a importância crescente que tem, por causa dos mais de mil e trezentos milhões de pessoas que a falam, e não tanto por ter sido (e ainda ser) uma língua de Alta Cultura.

Acresce ainda outra questão, e para mim a mais fundamental: uma cultura, de que a religião e a língua são expressões essenciais, não basta estar aí; i.e., não basta a religião ser praticada e a língua falada para verdadeiramente existir. Têm também que se pensar a si próprias; têm de se tematizar, de se problematizar, porque elas são *ipso facto* manifestações de consciência acrescida. Eu pergunto: que questões, que interrogações é que um mirandês só consegue fazer bem nesta língua? Não está o mirandês sempre nessa condição raiana de tradutor, nesse *meio* incómodo de que falava Michel Serres? Exprimo-me de outra forma: existem coisas que se um mirandês as disser noutra língua, sente que não as exprime bem, sente que se trai interiormente, que há uma inadequação essencial entre aquilo que diz e aquilo que sente e quer exprimir? A estas questões só um mirandês pode responder.

É que sem este núcleo de *intraduzibilidade* essencial eu tenho dúvidas de que estejamos em presença de uma língua e de uma cultura próprias. É esse fundo intraduzível, esse Silêncio prévio a toda a comunicação, que gera a Poesia, a Filosofia, a Ciência, a Religião, isto é, que alimenta as interrogações fundamentais que constituem um mundo próprio, uma «mundividência» peculiar. Uma língua só

alcança a sua maturidade se e quando desenvolve ao mesmo tempo uma metalíngua; quando é capaz de (se) enunciar (n)as suas razões. Para mim, uma língua não é fundamentalmente um sistema de comunicação, um veículo para transmitir mensagens, conteúdos, etc., que podem ser traduzidos para um outro idioma. Tal concepção da língua como instrumento (*organon*) ou mesmo como gramática (*canon*) é muito importante, naturalmente, mas não em meu entender é a mais decisiva. Uma língua cria um mundo de sentido que é a condição de possibilidade das palavras e das frases com um certo horizonte significativo, i.e., da ortografia, da sintaxe e da semântica; e instaura a montante um horizonte de possibilidades inesgotável e, por isso, mais ou antes de ser veículo de comunicação, é *fons et origo*, espaço de revelação de mundos possíveis, abrindo clareiras na realidade.

Nesse sentido, parece-me que se os anos de 1884 e 1999 são pontos importantes de chegada (aquela data na passagem da oralidade à escrita; esta quanto ao reconhecimento legal), eles são sobretudo apontadores para algo que ainda está para vir (ou não). Diria que é uma grande responsabilidade a que os mirandeses – e todos nós, portugueses com eles – têm às costas.

Um primeiro movimento, compreensível e muito natural, para uma jovem língua se afirmar é tentar traduzir para o seu mundo próprio as obras importantes daquelas línguas que mais a determinaram: a *Bíblia*, *Os Lusíadas*, o *D. Quixote*, etc.. Isto tem sido feito ou tem sido tentado. Mas o movimento inverso é verdadeiramente o mais decisivo: quais as obras, quais os textos poéticos, literários, científicos, filosóficos, etc., é que, por exemplo, os bascos querem traduzir do euskera para espanhol? Disse que iria sobretudo fazer perguntas, por isso peço desculpa no que for minha ignorância. Nas *Froles mirandesas*, por exemplo, eu encontro tentames de poesia, de conto, de ensaio. E muito bons, muito prometedores, sem dúvida! Mas não serão precisas ainda obras de maior fôlego?

Ao dizer que um uma língua é um espaço de revelação, que abre clareiras, penso também no modo como ela inventa e afeiçoa as subjetividades falantes. E isso é muito difícil acontecer se tal língua não se bebe no leite materno, se não for uma língua aprendida ao

colo da mãe. Tem de ser, pois, também uma língua que afeiçoa cheiros, sons, sabores, que revela afetos, emoções e sonhos, e enforma o imaginário no seu fundo mais fundo.

Não sei: talvez alguns dos mais velhos que aqui estão ainda se descubram a sonhar em mirandês, se foi esta a língua com que configuraram as suas impressões primeiras, com que exorcizaram os medos de infância, etc.. Ainda conheci um casal que em casa, com os filhos falava sempre em português, mas os dois sozinhos no campo falavam entre si sempre em mirandês. Fora essa a linguagem de infância, dos jogos, do namoro, dos projetos de vida feitos a dois... E quando um mirandês tem um acidente, em que língua grita, em qual sai a primeira palavra? É nestas situações-limite em que, por momentos, recuamos do mental representativo para o mundo das emoções vitais mais fundas, que se revela o material e o código básico com que escrevemos a nossa vida afetiva. Por isso, além do que dizia acima sobre as interrogações, pergunto também se há coisas que alguém sente que só pode dizer bem, cantar bem, exprimir bem se for em língua mirandesa.

Notem que para isto a escola, mormente se for uma escola de adultos (muito meritória, aliás!) é já sempre muito tardia. Para a escola, a língua é sobretudo um instrumento do saber, não um órgão vital. Por isso é que, para uma língua como o mirandês, essencialmente próxima da «santidade dos pormenores» e dos ritmos da vida do campo, do gado, das sementeiras das colheitas, as alterações profundas no nosso atual modo de viver, essencialmente urbano, mesmo já nas aldeias, representam uma crise e um desafio tremendos. Há uma «santidade do mirandês»! Mas longe da vida campestre, será que ele pode sobreviver e reinventar-se? Se esta língua não se aprendeu e não foi gerada como 'orvalho, antes da aurora', nos ofícios do ordenhar, mondar, cavar, podar, semear, segar, etc., i.e., se não foi bebida na escola da vida, não será tratada mais tarde como uma prótese que se usa mentalmente para destacar uma identidade mais ou menos bairrista, para afirmação pessoal, mas sem nunca moldar vitalmente por dentro, sempre antes como um híbrido periférico que rapidamente se despe na ocasião oficial, no lançamento

do livro, na publicação do artigo, etc., pelo qual todos queremos ser reconhecidos o mais possível. Porque cada língua, por mais simples e arcaica que seja, no estádio oral ou já escrita, é sempre um desejo de universalização. Mas estas são apenas questões que lanço à consideração dos meus Amigos mirandeses.

A ORIGEM DA LÍNGUA MIRANDESA: MIL ANOS DE HISTÓRIA, CEM ANOS DE DIALECTO E VINTE DE LÍNGUA.

António Bárbolo Alves¹

*Quien dirie q'antre ls matos eiriçados
Las ourrietas i ls rius d'esta tierra,
Bibie, cumo l chaugarço de la sierra,
Ua lhéngua de sons tan variados?*

José Leite de Vasconcellos, *Flores mirandezas*

1. A origem da língua mirandesa é o latim. Ou melhor, o latim vulgar, que era a língua do povo, introduzido na península ibérica pelos conquistadores romanos. Esta língua “misturou-se”, naturalmente, com os substratos já existentes, dando origem a vários “dialectos” que se foram modificando até constituírem novas línguas. Quando, posteriormente, os povos germânicos e, ainda depois, os árabes, invadiram a Península, as línguas sofreram novas modificações sem que, no entanto, estes “invasores” tivessem conseguido impor os seus idiomas.

No caso mirandês, a sua base histórica e geográfica estende-se por um território muitíssimo mais amplo do que aquele em que hoje é falado. A tradição histórica chamou a esse romance, “leonês”, uma

¹ Do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro e do Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.